

**ARTIGO**

**VOLUME ESPECIAL**

# **AS CONSEQUÊNCIAS DO COVID-19 NO UNIVERSO DA FANTASIA DE CRIANÇAS BRASILEIRAS E O IMPACTO NO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL**

**Cristiano Rodineli de Almeida**

*cris.rodinelli@gmail.com*

Psicólogo, Especialista em Políticas Públicas e Socioeducação pela Universidade de Brasília, Especialista em Psicopatologia e Saúde Pública pela Universidade de São Paulo. Mestre em Educação e Saúde na Infância e Adolescência pela Universidade Federal de São Paulo. Trabalha como psicólogo na Fundação CASA (SP), atendendo adolescentes em conflito com a lei privados de liberdade.

**Ricardo Rentes**

*rickrentes@hotmail.com*

Psicólogo de orientação Psicanalítica, Pós-graduado em Saúde Mental e Justiça pelo Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico Prof. André Teixeira Lima - FUNDAP, Especialista em Psicopatologia e Saúde Pública pela USP. Mestre em Ciências Humanas, Sociais e Criminologia pela UFP do Porto - Portugal. Analista Institucional e Supervisor de Horas Técnicas na área da Assistência Social e Saúde Mental na cidade de São Paulo - SP. Professor do Curso de Especialização em Saúde Mental e Coletiva na Perspectiva da Clínica Ampliada pela Universidade Cruzeiro do Sul e Professor do Curso de Especialização em Psicologia Jurídica pela Universidade São Camilo.

## **AS CONSEQUÊNCIAS DO COVID-19 NO UNIVERSO DA FANTASIA DE CRIANÇAS BRASILEIRAS E O IMPACTO NO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL**

### **THE CONSEQUENCES OF COVID-19 IN THE UNIVERSE OF BRAZILIAN CHILDREN'S FANTASY AND THE IMPACT ON EMOTIONAL DEVELOPMENT**

### **LAS CONSECUENCIAS DEL COVID-19 EN EL UNIVERSO DE LA FANTASÍA INFANTIL BRASILEÑA Y EL IMPACTO EN EL DESARROLLO EMOCIONAL**

#### **Resumo**

O presente estudo é fruto de uma pesquisa desenvolvida por alguns editores da *Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia*, acerca do impacto da pandemia do coronavírus em crianças brasileiras de 04 a 11 anos. A justificativa de tal estudo se deu pela preocupação com a saúde mental das crianças em meio a significativas mudanças no cotidiano, como alterações em hábitos diários, rotinas domésticas diferenciadas, ausência de contato social intra e extra-familiar, interrupção do contexto escolar, adaptação das rotinas de estudo e aprendizagem, perda de pessoas próximas, excesso e atravessamento de notícias monotemáticas nas mídias, entre outras características relevantes. Foi utilizada a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo – DSC, para analisar as respostas da seguinte pergunta: *Se você tivesse superpoderes o que você faria para acabar com o coronavírus?* O resultado a que chegamos levou a construção de quatro categorias do discurso: A - A ciência e a pesquisa como os heróis na luta contra COVID-19, B - A família e a concretude preventiva dos hábitos de higiene como solução contra o coronavírus, C - A fantasia e o poder de alguns super-heróis no enfrentamento contra o COVID-19, e D- As características humanas e os recursos da natureza no enfrentamento da pandemia. Foi percebido que parte das crianças utilizam de forma saudável recursos da fantasia no enfrentamento simbólico e concreto da doença. Em contrapartida, parte das crianças acabam utilizando mais os dados da realidade e a concretude nesse enfrentamento, mesmo sendo provocadas a responder pelo universo da fantasia. Processos de identificação e agressividade também aparecem em alguns discursos e tal manifestação foi entendida e interpretada como um recurso saudável e valioso do desenvolvimento emocional infantil, principalmente mediante a necessidade atual de enfrentamento da pandemia.

**Palavras-chave:** Imaginário infantil, Fantasia infantil, COVID-19, Discurso Sujeito Coletivo.

## Abstract

The present study is the result of research developed by some editors of Pathos: Brazilian Journal of Public Practices and Psychopathology, about the impact of the coronavirus pandemic on Brazilian children aged 4 to 11 years. The justification for such a study was given by the concern with the mental health of children amid significant changes in daily life, such as changes in daily habits, differentiated domestic routines, absence of social contact within and outside the family, interruption of the school context, adaptation of study and learning routines, loss of close people, excess and crossing monothematic news in the media, among other relevant characteristics. The Collective Subject Discourse - DSC (LEFÈVRE, 2000) methodology was used to analyze the answers to the following question: If you had superpowers what would you do to end the coronavirus? The result we reached led to the construction of four categories of discourse: A - Science and research as the heroes in the fight against COVID-19, B - The family and the preventive concreteness of hygiene habits as a solution against the coronavirus, C - The fantasy and power of some superheroes in the fight against COVID-19, and D - Human characteristics and the resources of nature in fighting the pandemic. It was noticed that part of the children use fantasy resources in a healthy and symbolic way to cope with the disease. On the other hand, part of the children end up using more data from reality and concreteness in this confrontation, even though they are provoked to respond by the universe of fantasy. Identification and aggression processes also appear in some speeches and this manifestation was understood and interpreted as a healthy and valuable resource for children's emotional development, mainly due to the current need to face the pandemic.

**Keywords:** Children's imagination, Children's fantasy, COVID-19, Collective Subject Discourse.

## Resumen

El presente estudio es el resultado de una investigación realizada por algunos editores de Pathos: Revista Brasileña de Prácticas Públicas y Psicopatología, sobre el impacto de la pandemia de coronavirus en niños brasileños de 4 a 11 años. La justificación de tal estudio estuvo dada por la preocupación por la salud mental de los niños en medio de cambios significativos en la vida diaria, tales como cambios en los hábitos diarios, rutinas domésticas diferenciadas, ausencia de contacto social dentro y fuera de la familia, interrupción del contexto escolar, adaptación de rutinas de estudio y aprendizaje, pérdida de personas cercanas, exceso y cruce de noticias monotemáticas en los medios, entre otras características relevantes. La metodología del Discurso del Sujeto Colectivo - DSC se utilizó para analizar las respuestas a la siguiente pregunta: Si tuvieras superpoderes, ¿qué harías para acabar con el coronavirus? El resultado que alcanzamos llevó a la construcción de cuatro categorías de discurso: A - La ciencia y la investigación como héroes en la lucha contra el COVID-19, B - La familia y la concreción preventiva de los hábitos de higiene como solución contra el coronavirus, C - La fantasía y el poder de algunos superhéroes en la lucha contra COVID-19, y D - Características humanas y los recursos de la naturaleza para enfrentar la pandemia. Se notó que parte de los niños utiliza recursos de fantasía de manera saludable y simbólica para hacer frente a la enfermedad. Por otro lado, parte de los niños terminan usando más los datos de la realidad y la concreción en este enfrentamiento, aunque se les provoca a responder por el universo de fantasía. Los procesos de identificación y agresión también aparecen en algunos discursos y esta manifestación fue entendida e interpretada como un recurso sano y valioso para el desarrollo emocional de los niños, principalmente por la necesidad actual de enfrentar la pandemia.

**Palabras clave:** imaginación infantil, fantasía infantil, COVID-19, discurso del sujeto colectivo.

*Nossos sinceros agradecimentos a todas as crianças e seus responsáveis, os quais se dispuseram, gentilmente, a participar da pesquisa. Nossos sentimentos se dedicam também à todas as vítimas do COVI-19, seus respectivos familiares e a todos os profissionais de saúde.*

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto de um estudo desenvolvido por alguns editores da *Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia*, no ano pandêmico de 2020.

Abordamos nessa pesquisa o impacto da pandemia do coronavírus no universo emocional de crianças brasileiras mediante a realidade de isolamento e confinamento atualmente vividos. A justificativa de tal estudo se deu pela preocupação com a saúde mental das crianças em meio a significativas mudanças no cotidiano, como alterações em hábitos diários, rotinas domésticas diferenciadas, ausência de contato social intra e extrafamiliar, interrupção do contexto escolar, adaptação das rotinas de estudo e aprendizagem, perda de pessoas próximas, excesso e atravessamento de notícias monotemáticas nas mídias, entre outras características relevantes.

Podemos observar, por vezes, certa dificuldade do ser humano na adaptação frente à algumas mudanças em seu cotidiano de vida, principalmente alterações de grande impacto subjetivo e social, especificamente no universo infantil. Contudo, já é sabido, que as crianças, em sua maioria, possuem a capacidade constante de renovação e, em certos casos, graus de resiliência significativos mediante situações potencialmente conflitantes. Isso não significa eliminar por completo as angústias, mas sim saber lidar com elas. Dessa forma, em momentos de pandemia, a resiliência encontrada no universo infantil pode ser potencializada, ampliada e protegida pelo meio social ao qual está inserida:

Indivíduos resilientes podem dar um novo significado ao problema, mas não podem eliminá-lo; são capazes de superar as adversidades quando se lhe agregam o suporte social efetivo das relações micro e macrossociais, mas resiliência é um fenômeno que pode ser construído, treinado, melhorado. Seu conceito, portanto, ultrapassou a visão do fenômeno restrito ao nível individual e de suas relações, avançando para incluir o claro papel dos grupos de apoio em sua promoção. (Martins, et al., 2012, p. 142).

Freire (2014) afirma que nas relações com o mundo o maior segredo seria o poder de pertencimento e não necessariamente o de adaptação, situação essa que pode ser mais delicada envolvendo o universo infantil. Se pensarmos o lugar mais passivo e submisso que a situação de pandemia e o confinamento ofertam ao ser humano, tal obrigatoriedade de adaptação poderia gerar em alguns indivíduos, perda de senso de pertencimento do protagonismo em relação a sua própria vida.

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história (Freire, 2014, p. 53).

Bauman (2001), nesse sentido, aponta para a necessidade do ser humano, seja ele criança, adolescente, adulto ou idoso, em estabelecerem encontros relevantes e significativos. Podemos pensar que, em função da pandemia do COVID-19, causadora de rupturas e ausência de encontros significativos, presenciais e cotidianos, o ser humano teria a necessidade de conectar e inventar novas formas de relação, o que poderiam levar a certas filiações emergenciais.

Quando as velhas histórias de filiação (comunitária) já não soam verdadeiras ao grupo, cresce a demanda por histórias de identidade, em que dizemos a nós mesmos de onde viemos, quem somos e para onde vamos; tais histórias são urgentemente necessárias para restaurar a segurança, construir a confiança e tornar possível a interação significativa com os outros. A medida em que as velhas certezas são varridas para longe, as pessoas procuram novas filiações (BAUMAN, 2001, p. 90).

Por vezes, pensando principalmente em crianças, os recursos dessas novas filiações vão estar presentes e possíveis através do ato do brincar. Tais recursos podem ser entendidos como ferramentas que serão utilizadas pelos pequeninos na elaboração de suas angústias e conflitos.

De qualquer modo, entendemos também, em paralelo a isso, que geralmente, as crianças possuem menores condições racionais para o entendimento de certas situações, em comparação principalmente ao adolescente e ao adulto. Dessa forma, provavelmente tal público em questão, em função da pouca idade, acaba utilizando outros recursos de enfrentamento do cotidiano, dentre eles, o universo da brincadeira envolvendo a fantasia:

A criança adquire experiência brincando. A brincadeira é uma parcela importante da sua vida. As experiências tanto externas como internas podem ser férteis para o adulto, mas para a criança essa riqueza encontra-se principalmente na brincadeira e na fantasia. Tal como as personalidades dos adultos se desenvolvem através de suas experiências da vida, assim as das crianças evoluem por intermédio de suas próprias brincadeiras e das invenções de brincadeiras feitas por outras crianças e adultos. Ao enriquecerem-se, as crianças ampliam gradualmente sua capacidade de exagerar a riqueza do mundo externamente real. A brincadeira é a prova evidente e constante da capacidade criadora, que quer dizer vivência (Winnicott, 1982, p.163).

Diante disso, a capacidade de brincar e fantasiar oferta a criança um lugar de saúde, possibilidades de resolver e manejar conflitos e ainda elaborar situações. Questionamo-nos, então, como as crianças estão sendo afetadas diante das questões que as tangenciam, condizentes a pandemia do COVID-19? Será que estão conseguindo brincar e fantasiar no sentido saudável dos termos?

## MÉTODO

Nosso objetivo geral foi inicialmente levantar qual seria o impacto da pandemia do COVID-19 nas crianças brasileiras. Essa pesquisa apresentou como objetivos específicos a análise do universo infantil e os recursos de enfrentamento emocional diante do atual momento, bem como, qual a ideia que permeia o enfrentamento da doença a partir do psiquismo das crianças no que tange o campo das fantasias infantis.

O desenho metodológico pautou-se no procedimento de coleta de dados denominado: Discurso do Sujeito Coletivo – (DSC), desenvolvido pelo pedagogo Drº Fernando Lefèvre, professor da Faculdade de Saúde Pública da USP-SP (LEFÈVRE, 2000).

O procedimento compreendeu a elaboração de uma pergunta-chave a ser respondida pelas crianças envolvendo a temática do COVID-19. Nossa preocupação foi elaborar uma pergunta que não promovesse sofrimento e mobilização nociva às crianças participantes, pelo contrário, nosso intuito foi o de que as crianças conseguissem participar da pesquisa de forma leve e descontraída, como uma espécie de brincadeira de “faz de conta”. Diante disso Safra (2005), aponta que: “Tem-se a oportunidade de apresentar à criança algumas ideias sobre seus conflitos e ainda assim respeitar o seu tempo, o seu período de hesitação” (p.90).

Mediante o cuidado exposto, desenvolvemos então a seguinte pergunta: *Se você tivesse superpoderes o que você faria para acabar com o coronavírus?*

De início, aplicamos a pergunta a um grupo denominado como pré-teste, ao que 10% da amostra total foi submetida ao procedimento, nesse caso, 15 crianças participantes. O intuito foi verificar como elas se saíam mediante a pergunta apresentada. Nenhuma das 15 crianças apresentou qualquer tipo de dificuldade ou desconforto. Baseado nesse dado, seguimos com a aplicação para as outras 139 crianças participantes.

A coleta privilegiou considerar a resposta de cada criança na íntegra, podendo conter erros de concordância e gramaticais, bem como neologismos. A amostra final chegou ao montante de 154 crianças participantes, todas brasileiras, de 04 a 11 anos, de ambos os sexos, de diferentes raças, contextos familiares, classes socioeconômicas e localidades de residência. Vale ressaltar que algumas crianças vivem em outros países, contudo, mais de 95% das crianças são residentes do Brasil, em diferentes cidades e estados. Outro dado relevante é que dos 154 participantes, 40 crianças estão acolhidas institucionalmente, residentes de abrigos - SAICAs (Serviços de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes) todas instituições localizadas na cidade de São Paulo – SP, representando 26% da amostra total.

A aposta foi que elementos similares do discurso são e estão presentes em boa parte dos envolvidos na pesquisa, mesmo com características sociodemográficas distintas. A reunião das falas e, na sequência, a condensação dessas, é que formaram um discurso coletivo, ou seja, a representação subjetiva e social que o grupo de crianças tiveram sobre o tema abordado. Após esse momento foi realizada a interpretação e análise do material coletado.

A metodologia do DSC já foi utilizada em diversos contextos, como por exemplo, na área da saúde na Argentina (LEFÈVRE, 2000; 2003; 2007), na área de promoção de saúde e vigilância sanitária (LEFÈVRE, 2005), no trabalho com sexualidade, prevenção e assistência (LEFÈVRE, 2010), com profissionais da saúde no comparativo entre Brasil e Espanha (MEDEIROS, 2014), em adolescentes em conflito com a lei (RENTES, 2017), entre outros contextos.

Lefèvre (2014), afirma que trabalhos como esses são necessários para ofertar ao público pesquisado o direito de serem protagonistas em sua fala, uma espécie de provocação e crítica frente a sociedade, e no nosso caso, ao modelo adultocêntrico, por vezes ainda vigente em alguns contextos. Com isso, nosso estudo buscou atingir a oportunidade de demonstrar um pouco o que pensam e sentem as crianças frente a atual pandemia mundial.

Tal técnica de coleta de dados resumidamente se apresenta da seguinte forma:

1. A amostra a ser pesquisada é selecionada;
2. Criamos uma pergunta-chave;
3. A pergunta possui o intuito de fazer com que o participante se identifique, e partir daí, possa opinar, projetando seus conteúdos psíquicos em sua resposta;
4. Inserimos depois as respostas em uma plataforma de um software específico que tem por finalidade agrupar o material coletado;
5. Na sequência se começa a extrair das respostas a ideia central de cada sentença, ou seja, o que tem de mais relevante e expressivo no material coletado de cada participante;
6. Em seguida se atribui uma categoria para cada ideia central do material coletado, algo que possa representar inicialmente o discurso do sujeito.
7. Na sequência, agrupamos as falas por categoria e chegamos à construção do discurso representativo da amostra estudada.
8. Com o discurso de cada categoria montado, interpretamos e qualificamos os mesmos.
9. Dessa forma chega-se ao Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) e as representações sociais dos sujeitos acerca do objeto temático estudado.

Esse cuidado e rigor metodológico desenvolvido vai ao encontro do que Costa e Viegas (2010) defendem enquanto pesquisa empírica:

Defendemos que o investigador não faça, simplesmente, o mundo do outro caminhar em sua direção, pois nesse caso, o pesquisador pode, confortavelmente, continuar centrado em sua posição (em sua tolerância). A exigência é bem maior: é utilizar as palavras do pesquisador para descrever o mundo do outro, tal como este o vivencia, o que requer que o pesquisador transite no território alheio. Nele não cabem todas as perguntas que circulam no mundo do pesquisador, mas sim aquelas que fazem sentido no mundo do outro (p. 250).

Despret (2001), nos oferta uma experiência extremamente válida em que o pesquisador tem a chance de se confrontar com algo estranho e nada familiar, se deparando com a riqueza de um novo saber, empírico, vivo e real. Para tanto, o elemento necessário para qualquer pesquisador seria a capacidade de ser sempre surpreendido.

Entendemos que o DSC não necessariamente apresentará um discurso único para todas as crianças do Brasil, mas sim a possibilidade de entendermos tal discurso como um parâmetro do que pensam e sentem as crianças no enfrentamento do COVID-19. A beleza do procedimento estaria associada a construção do fenômeno e do surgimento de saberes observados, enfatizando os saberes empíricos da pesquisa de campo:

O roteiro que o pesquisador irá percorrer pode levá-lo a ultrapassar os limites de sua área de conhecimento (...) Assim, se o que justifica a pesquisa no campo é o contato com o fenômeno tal como ele se dá, (e não como ele é produzido em condições artificiais), o investigador ao realizar o seu trabalho, deve se deixar levar pelo processo, o que significa muitas vezes, o encontro com histórias que se cruzam, mas, necessariamente, que não tem relações causais, que complexificam o entendimento. Por conseguinte, o pesquisar de campo não é aquele que, ao final, demonstra alguma coisa, mas é aquele que, ao apontar novos indícios, cria incertezas. (COSTA e VIEGAS, 2010, p. 242).

Visando o sigilo ético, nenhum nome ou dado de identificação foi exposto ao longo do estudo, garantindo o anonimato e a preservação dos envolvidos na pesquisa. Tais precauções e cuidados fazem parte dos procedimentos dessa pesquisa, uma vez que se trata de um estudo envolvendo seres humanos, especificamente crianças, ao que se sujeita a padrões éticos regidos pelo respeito e pela proteção aos direitos fundamentais trazidos em nossa Constituição Federal (1988), bem como em nossos conselhos éticos de classe.

Vale ressaltar que é presente em nós, enquanto pesquisadores, a ciência de que os grupos vulneráveis só deverão ser incluídos em pesquisas se isto se demonstrar necessário e se a mesma não puder ser realizada de outra forma. A justificativa para a escolha do público-alvo é também resultado da precariedade de pesquisas atuais acerca da opinião das crianças frente a pandemia do COVID-19, tendo como um dos objetivos instrumentalizar pais, responsáveis e profissionais acerca de tal panorama, promovendo reflexão e maior entendimento do universo infantil frente a situações graves, vulneráveis e de calamidade pública.

## **RESULTADOS QUANTITATIVOS**

A partir da coleta de dados, mensuração e análise de resultados, chegamos a 4 categorias de discursos, tendo como títulos os nomes representados na tabela nº 1. Evidenciamos também nessa mesma tabela a diferença entre sexos e grupo de idades, vejamos:

**TABELA 1 - DETALHAMENTO DOS SUJEITOS POR ESCOLHA DE CATEGORIA**

CATEGORIAS	Nº de crianças	SEXO		IDADE				CONDIÇÃO DE MORADIA	
		Meninas	meninos	4 e 5	6 e 7	8 e 9	10 e 11	Família	SAICA
<b>A = A CIÊNCIA E A PESQUISA COMO OS HERÓIS NA LUTA CONTRA O COVID-19</b>	28	15	13	0	5	16	7	25	3
<b>B = A FAMÍLIA E CONCRETUDE PREVENTIVA DOS HÁBITOS DE HIGIENE COMO SOLUÇÃO CONTRA O CORONA VÍRUS</b>	24	12	12	7	4	8	5	15	9
<b>C = A FANTASIA E O PODER DE ALGUNS SUPER-HERÓIS NO ENFRENTAMENTO CONTRA O COVID-19</b>	50	20	30	21	14	11	4	34	16
<b>D = AS CARACTERÍSTICAS HUMANAS E OS RECURSOS DA NATUREZA NO ENFRENTAMENTO DA PANDEMIA</b>	52	24	28	13	17	14	8	40	12
<b>TOTAIS</b>	<b>154</b>	<b>71</b>	<b>83</b>						

FONTE: Dados da pesquisa, 2020.

Podemos observar na Tabela 1 que o número mais expressivo de respostas se concentra na categoria C (50 respostas) e D (52 respostas), categorias essas que abordam mais o campo da fantasia, diferente das categorias A (28 respostas) e B (24 respostas) que trazem em seus conteúdos questões mais concretas, voltadas mais aos aspectos da realidade. Inicialmente, poderíamos levantar a hipótese que as crianças participantes, em sua maioria, estão utilizando recursos do campo da fantasia para o enfrentamento do COVID-19, indo ao encontro do que Winnicott (1982) apontou como recursos saudáveis no enfrentamento de conflitos internos e externos.

Com relação a questão do sexo da amostra pesquisada, os números apontam similaridade quantitativa entre masculino e feminino, ao que 55% são meninos e 45% são meninas, abrangendo um de nossos objetivos que era o de alcançar uma amostra que abarcasse ambos os sexos de forma representativa, homogênea e equilibrada.

Conseguimos observar também a divisão por faixas etárias e sexo. Como a faixa cronológica da amostra envolvida no presente estudo foi relativamente larga, dos 04 aos 11 anos, nossa preocupação foi o de não concentrar o número de participantes em apenas algumas idades, visando uma maior expressividade nos diferentes momentos do desenvolvimento infantil.

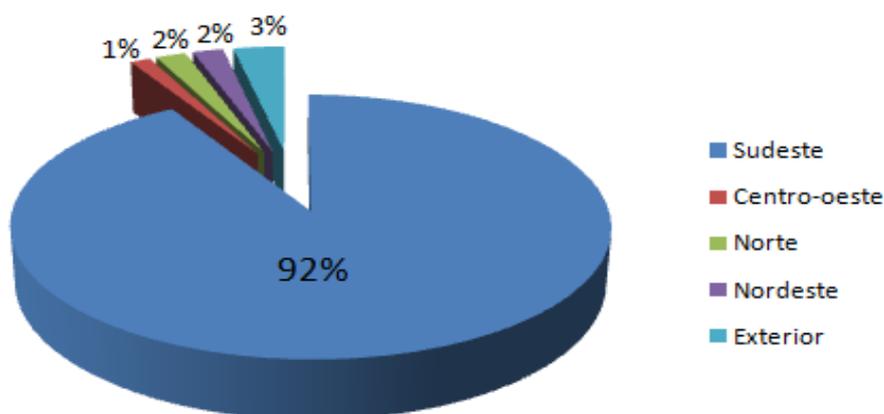
Podemos observar que não houve discrepância evidente e representativa acerca da participação das meninas e meninos em relação as categorias de resposta, pelo contrário, em quase todas as faixas etárias, a distribuição entre sexo feminino e masculino foi bem homogênea, o que nos permite maior alcance em estudos futuros comparativos entre os sexos e seus recursos de enfrentamento em situações de crise.

Já com relação ao local de moradia, 74% dos participantes moram com suas respectivas famílias e 26% residem em instituições de acolhimento. Podemos perceber que não houve inicialmente, diferenças relevantes em relação a distribuição quantitativa de respostas entre um público e outro, o que pode sugerir, a princípio, que tanto crianças que residem com suas famílias como crianças institucionalmente acolhidas sofrem impactos semelhantes acerca do fenômeno da pandemia. Vale ressaltar que acreditamos também que haja especificidades e características distintas entre um público e outro, mas para abarcarmos tais diferenças há necessidade de estudos mais específicos, qualitativos e comparativos.

Um dado que nos deixa bastante felizes e indica a possibilidade de saúde emocional por parte dos participantes da pesquisa se refere ao fato de que nenhuma criança de 4 e 5 anos trouxe como elemento da fantasia aspectos concretos relacionados principalmente a categoria “A”, que aborda a ciência e pesquisa como a salvação para o covid-19. Em contra partida sete crianças dessa mesma faixa etária transitam com suas fantasias dentro da categoria “B”, que aborda os processos de higiene, álcool gel e afins como principais elementos no combate ao vírus. Quando se oferta superpoderes a crianças tão pequenas, o que se espera é um universo mais fantasioso do que concreto.

Acerca da região geográfica de moradia chegamos aos seguintes resultados, vejamos o Gráfico 1:

**GRÁFICO 1 - REGIÃO GEOGRÁFICA DE MORADIA DOS PARTICIPANTES**



FONTE: Dados da pesquisa, 2020.

Podemos perceber que a maioria dos participantes residem na região sudeste do Brasil, o que nos faz levantar o cuidado de que para maiores explorações e afirmações sobre crianças de outras regiões do país seria necessário ampliar o presente estudo e amostra. Em contrapartida, tal concentração de participantes em uma determinada região do Brasil nos oferta a possibilidade de tecermos algumas hipóteses mais seguras em função da representatividade *qualiquanti* dos sujeitos desses locais, especialmente das capitais e suas regiões metropolitanas, territórios expressivamente impactados pela pandemia.

## RESULTADOS QUALIQUANTITATIVOS

A partir das respostas alcançadas pela metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo – DSC (Lefèvre e Lefèvre, 2000, 2003, 2005, 2010 e 2014) chegamos a quatro categorias de discurso.

Durante a aplicação da pesquisa, percebemos que algumas crianças quiseram, voluntariamente, desenhar enquanto respondiam a pergunta-chave: *Se você tivesse superpoderes o que você faria para acabar com o coronavírus?*

Entendendo essa manifestação do ato de desenhar como um presente significativo para nós, resolvemos convidar uma dessas crianças para ilustrar as categorias com um desenho específico para cada discurso, totalizando quatro desenhos. Foi dado a essa criança, como estímulo norteador para a construção dos desenhos, o nome de cada categoria do discurso.

Vale ressaltar que os discursos abaixo representam as respostas das crianças acerca da pergunta-chave. Tais respostas, como já explicitado no método, foram inicialmente categorizadas acerca de seu conteúdo qualitativo e, depois, agrupadas conforme as similaridades, formando assim os quatro discursos do sujeito coletivo. É relevante trazer que todo o conteúdo corresponde somente ao que foi trazido pelas crianças participantes da pesquisa.

**Discurso “A”:****A ciência e a pesquisa como os heróis na luta contra o COVID-19**

*“Eu queria ter o superpoder de ser imune e poder doar imunidade para todo mundo. Eu usaria meu poder de cura para curar os infectados, transformaria o vírus na cura e curava todos. Eu também criaria um antídoto bem rapidinho para mandar Covid-19 embora. Eu criaria instantaneamente a vacina pra curar todo mundo num piscar de olhos e para matar o vírus. Eu queria ter superinteligência pra criar um remédio e uma vacina, iria fazer uma vacina boa, porque eu ouvi na televisão que estão tentando, mas não estão conseguindo. Eu colocaria todos eles numa super bacia de vacina, para eles ficarem bonzinhos. Eu teria o superpoder de viajar no tempo, queria poder voltar no tempo, ir para o futuro voltar com essa vacina, depois ir no passado e corrigir as besteiras que fizemos com o meio ambiente. Como eu gostaria de poder voltar no tempo para acabar com o vírus antes de ele se espalhar.*

*Iria no futuro descobrir a cura para a doença, talvez uma vacina resolveria, e aí eu voltaria no passado e vacinaria todas as pessoas, assim evitaria as mortes que já aconteceram. Eu faria, muitas, muitas, muitas, vacinas pro mundo todo e pra mim também, para ninguém ficar sem, eu seria o mais forte de todos e testar todos os testes de coronavírus. Com os super poderes eu iria criar bactérias do bem mais fortes que o corona pra um combate, assim o bem vai vencer. Ah eu acho que faria também uma chuva com remédio para cura, podia ser de álcool em gel e sabão, pra que ninguém mais pegasse o coronavírus. Já sei, se eu fosse super heroína eu teria o poder da super inteligência, acharia a cura para o coronavirus e acabaria com ele, ia ser cientista e ia descobrir o remédio para matar o corona vírus, eu poderia ter super inteligência e com super inteligência eu posso descobrir a cura pro vírus. Eu pegava todos os remédios do mundo inteiro e passava no coronavírus, eu acho que ele ficaria bem fraquinho, porque a minha mamãe falou que no hospital onde ela trabalha, tem muita gente doente com o coronavírus, aí eu faria esse remédio para todo mundo que tá doente ficar bom e ai ajudar as pessoas a salvar o dia e trazer a cura de volta”.*

### **Análise:**

Podemos perceber, logo no início, o reconhecimento da ciência e dos profissionais de saúde no combate ao coronavírus. A fantasia de parte das crianças fica centrado no poder de ser imune ao vírus em paralelo ao poder de cura. A ambivalência fica expressa nessa reunião de conteúdos, no que por um lado tentam criar uma redoma protetiva em torno de si e, ao mesmo tempo, uma vez infectados, aplicam o desejo do poder se curar.

A busca de saúde singular e coletiva, seja pela imunidade ou pela cura, promove nas crianças representadas por esse discurso um encontro com o pressuposto científico, utilizando da fantasia, o poder da criação de vacinas ou remédios. Ao observar isso podemos pensar que mesmo frente ao convite de caminhar por dentro de seu universo de fantasia, as crianças aqui representadas fazem uso de algo cotidianamente discutido e vivido pela mídia, e provavelmente dentro de seus lares, neste caso, os desafios dos avanços científicos em relação ao COVID-19.

Como podemos ver no discurso, essas crianças brincam de cientistas, e viajam no tempo, indo e voltando entre o passado, o presente e o futuro. A magia de caminhar dentro do universo do Deus Cronos, demonstra a tentativa de controlar o até então incontrolável, ou seja, “poderíamos dizer que a capacidade de desenvolver fantasias ultrapassando o presente é a nova aquisição que torna suportáveis as frustrações experimentais da realidade” (BETTELHEIM, 1980, p. 156). Mesmo sendo reconhecida a habilidade em manobrar o tempo simbólico, evidenciamos que angústias obsessivas se tornam presentes em parte dos relatos das crianças, chamando para si responsabilidades relevantes que geralmente são menos comuns ao universo infantil.

Por outro lado, podemos pensar que uma responsabilidade ética surge no imaginário dessas crianças, mediante a preocupação com o meio em que se vive, na tentativa de consertar possíveis erros cometidos pelo ser humano. Percebemos também que tais crianças parecem dialogar e abarcar um movimento saudável de mistura entre agressividade e reparação, assumindo certa responsabilidade pelos fatos, o que na psicanálise inglesa chamaríamos de estágio de *concernimento*. A partir do pensamento desenvolvimental winnicottiano, Dias (2003) aponta:

A resolução desta crucial dificuldade que consiste em aceitar que a destrutividade é pessoal e convive com o amor, depende do desenvolvimento da criança, da capacidade de fazer reparações, ou remendos. A criança tem a necessidade premente de saber que o estrago pode ser consertado e reparado, que o buraco pode ser remendado, que mesmo as ideias ou ações destrutivas podem ser equilibradas por algumas dádivas. Só assim ela se sentirá livre e segura para continuar e exercer a impulsividade que lhe pertence (2003, p 261).

Como já dito anteriormente, o desejo de poder curar torna-se presente no discurso, podendo representar não somente uma empatia concreta com o sofrimento alheio, mas também um possível movimento projetivo de seus próprios conflitos, isto é, uma busca de cura para suas próprias angústias. Percebemos que tal caminho é percorrido por essas crianças através da racionalização, ao que apontam no discurso, o desejo de se tornarem mais inteligentes, utilizando da razão para a resolução dos conflitos. Dessa maneira, podemos dizer que racionalização seria:

Processo pelo qual o sujeito procura apresentar uma explicação coerente do ponto de vista lógico, ou aceitável do ponto de vista moral, para uma atitude, uma ação, uma ideia, um sentimento, etc., cujos motivos verdadeiros não percebe; fala-se mais especialmente da racionalização de um sintoma, de uma compulsão defensiva de uma formação reativa (LAPLANCHE e PONTALIS, 2001, p. 423).

Parece denotar, em alguns momentos, que a fantasia desse grupo de crianças falha perante a concretude visceral que o atravessa e os impacta, como por exemplo, no momento em que apontam as tentativas científicas infrutíferas perante a aquisição de uma solução imediata e eficaz, o que tal ausência de perspectiva concreta e segura poderia gerar nas crianças uma sobrecarga emocional que os convoca ainda mais a tentar desenvolver maior racionalização, como uma espécie de compulsão defensiva na busca de soluções, por vezes, adultizadas e intelectualizadas.

Podemos observar que ao tentarem se apropriar do vírus, as crianças revelam o impasse de se depararem com a polaridade existente entre o mundo externo, entendido como ameaçador e perigoso, e o interno, vivido como seguro e protegido por suas fantasias de controle. Essa seria a possibilidade de levar o conflito para um campo de batalha gerido pelo imaginário infantil, no qual o vilão (coronavírus) estaria sob seu julgo e, portanto, passível de controle.

A criança saudável não consegue tolerar inteiramente os conflitos e ansiedade que atingem seu ponto máximo no auge da experiência instintiva. A solução para os problemas da ambivalência inerente surge através da elaboração imaginativa de todas as funções; sem a fantasia, as expressões de apetite, sexualidade e ódio em sua forma bruta seriam a regra. A fantasia prova, deste modo, ser a característica do humano, a matéria-prima da socialização, e da própria civilização (WINNICOTT, 1990, p 78).

Ainda nesse sentido, a auto responsabilidade se mostra presente no discurso das crianças, denotando uma ética infantil que nos convida indiretamente ao enfrentamento, direcionando-nos para uma tomada de consciência enquanto ser social e participativo no combate a doença, isto é, parte da resolução do conflito está em nosso reconhecimento enquanto seres coletivos e correlacionados.

**Categoria “B”:****A família e a concretude preventiva dos hábitos de higiene como solução  
contra o coronavírus**

*“Eu todo dia lavaria a mão com álcool em gel e sempre tomaria banho. Eu soltaria então uma máscara gigante para pegar todos os coronavírus do ar e faria todo mundo lavar as mãos, mas acho que eu lavava as mãos de todas as pessoas do mundo, eu acho que eu lavaria o mundo inteiro. Eu iria jogar álcool com sabão pelo chão e quem saísse de casa tinha que estar com luva, máscara e roupas compridas. Se eu tivesse superpoderes, ia jogar uma bomba de água, sabão e álcool no coronavirus pra acabar com ele. Eu pegava uma caixa, enchia com água e sabão e fazia uma bomba e embrulhava para presente. Daí eu ficava escondida só esperando o coronavirus aparecer e quando ele abrir a caixa, explodi água e sabão nele. Com meus superpoderes eu ia atacar álcool, jogando de cima, assim tchiiiiiiiiiiiiiiii, aí eu faria uma tempestade disso no mundo inteiro e as pessoas iam embaixo da chuva. Iria fazer bolas de álcool em gel e assoprar por todo planeta, jogava no mundo todo, acho que faria uma máquina de álcool gel e quando o coronavirus catasse alguém eu jogaria álcool. Eu teria o poder da água com sabão e*

*o poder de cândida pra tacar na cara do coronavírus até ele morrer de vez. Eu mataria ele, assim limparia o mundo todo e o corona vírus não iria existir. Eu faria um monte de lojas com álcool em gel e máscaras para todo mundo e daria água e sabonete para os mais necessitados, assim acabaria com o coronavírus. Eu faria todo mundo colaborar ficando em casa e usando o que deve usar, porque eu acho que quem não ficar em casa vai pegar o COVID. Eu faria então um vídeo também para falar para o pessoal não sair de casa, só quem precisa e também só sair para comprar álcool. Eu construiria também uma torre super alta, com uma placa gigante escrito: Lave suas mãos e use máscaras quando sair. Eu ia falar para as pessoas se prevenir pra trazer a felicidade de volta”.*

### **Análise:**

Assim como no primeiro discurso, novamente elementos de racionalização no relato das crianças tornam-se presentes. Padrões de limpeza, higiene e controle sanitário são encontrados nesse discurso. Características mais obsessivas são também observadas, situação essa que pode ser considerada uma manifestação esperada no universo infantil como, por exemplo, quando encontramos padrões e rituais em brincadeiras, preferências por cores, seleção alimentar, entre outros comportamentos de controle no cotidiano. Contudo, o que nos chama a atenção é a saída utilizada por parte da amostra pesquisada aqui representada, isto é, uma espécie de supercontrole, denotando elementos de angústia frente a realidade.

Nesse quesito, foi percebido pouco espaço para o brincar fantasioso, elemento esse esperado como saída de saúde. Embora reconheçamos que tais crianças fantasiam situações envolvendo água, sabão e álcool gel, os elementos utilizados para a construção de tal cenário parecem denotar também movimentos de racionalização como defesa. Como consequência, percebemos que a magia da fantasia não ganha muito espaço e protagonismo nesse discurso.

Segundo Laplanche e Pontalis (2001), normalmente a racionalização não se enquadra entre os principais mecanismos de defesa, mesmo possuindo seu caráter defensivo e até mesmo protetor. Inicialmente sua função seria disfarçar os diversos elementos do real conflito defensivo, ou seja, outras defesas de base poderiam ser também mascaradas através da racionalização. Tal situação é reforçada pela moral e pelas normas socioculturais, uma vez que a atuação do superego está bastante presente, reforçando as defesas do ego.

Mesmo diante de uma pandemia, tal discurso poderia nos preocupar no sentido de observar que parte das crianças participantes da pesquisa denotam uma preocupação extremada voltada a realidade externa. Na fantasia de tais crianças, a suposta solução do problema envolvendo o COVID-19, estaria nas mãos dos protocolos de higiene, como uso de álcool gel e máscara. Poderíamos a princípio pensar que tais crianças estariam adaptadas a realidade, uma vez que os protocolos apresentados por elas estão corretos e adequados. A questão que lançamos aqui é se tal realidade deveria aparecer enquanto elemento da fantasia infantil e se de fato tais conteúdos seriam provenientes do universo da fantasia.

Freud (1996) destaca que as defesas servem ao propósito de manter afastados do sujeito os perigos vividos no contato com a realidade. A presença de tais mecanismos pode ser também entendida como uma riqueza de aquisição do Ego. Seria difícil acreditar que qualquer sujeito pudesse passar inteiramente sua vida sem utilizar mecanismos de defesa durante o seu desenvolvimento emocional.

Em parte, podemos entender então que tal movimento seria parcialmente saudável, quando tais mecanismos de defesa são bem-sucedidos na tarefa de proteger o indivíduo daquilo que o angustia e assusta. Contudo, tais movimentos defensivos poderiam também transformar-se em prejuízo para o indivíduo que dele utilizar, tendo que pagar um preço alto demais em seu psiquismo, como por exemplo, conteúdos reprimidos que se tornariam potenciais sintomáticos futuros, como por exemplo, o excesso de controle a serviço da angústia, essa por vezes não dominada pela criança.

Diante disso, muitos pais e responsáveis teriam a tendência em poupar ao máximo seus filhos dos conflitos do dia a dia. Porém, quando o ambiente oferta respaldo e suporte através das figuras de confiança, sejam pais, responsáveis, professores ou educadores, a criança tem a chance de viver seus medos acompanhadas e dessa forma “O desprazer original da ansiedade vira o grande prazer de uma ansiedade encarada de modo bem-sucedido” (BETTELHEIM, 1980, p. 153).

Mediante a função defensiva descrita acima, somos remetidos ao questionamento se tais crianças não estariam sendo invadidas e atravessadas em seu imaginário com preocupações que talvez não necessariamente deveriam fazer parte de seus cotidianos de maneira tão enfática, exigindo de suas defesas egóicas um dispêndio de energia psíquica além do esperado e suportado.

A presença somática do outro, em seu corpo e em seu espírito, acompanha a criança pelos caminhos dos quais não se pode fugir. O segredo então não seria negar a realidade, pelo contrário, trilhar tal percurso de sofrimento seria importante, desde que acompanhado. Isso não quer dizer sobrepor a vivência da criança, roubar seu espaço de existência, representações e significações, mas sim se fazer presente ao seu lado com o intuito de alcançar o entendimento de sua vivência.

O ser humano, a fim de que possa acontecer e emergir como si mesmo, precisa iniciar seu processo de constituição a partir de uma posição, de um lugar. Esse lugar não é só um lugar físico, é um lugar na subjetividade de um outro. Não é verdade que o fato de uma criança ter nascido garanta que ela tenha tido um início como um ser participante do mundo humano. É muito grande o número de pessoas que vivem no mundo sem pertencer a ele, que vivem nele sem que tenham tido início como um ser frente a um outro. Há necessidade, para o acontecer humano, que a criança seja recebida e encontrada por um outro humano, que lhe dê esse lugar, que lhe proporcione o início de si mesma. Não é possível se falar de alguém sem que se fale de um outro (MAMEDE, 2006 pp. 18 e 19).

Com isso vale ressaltar que acreditamos ser importante a participação das crianças no cotidiano, mesmo esse sendo tenso e difícil, pois participar da realidade é função constituinte, recebendo informações acerca do ocorrido em seu espaço. Porém, parece que de alguma forma tais crianças, assim como parte da população adulta, carregam sobre seus ombros a responsabilidade total pelo bem-estar social, controle e fim da pandemia. Embora reconheçamos aqui que tais cuidados e medidas de segurança sanitária são ações importantíssimas para todos, nos preocupamos com o fato de ser, no imaginário concreto dessas crianças, somente a população, a única responsável pelo combate ao coronavírus.

Entendemos que tais posturas onipotentes aqui reconhecidas nos relatos, são provocadas também pela pergunta-chave da pesquisa, envolvendo e convidando os participantes para lugares de poderes e heroísmo. Em todo caso, o poder escolhido ganha destaque por sua concretude vivencial da realidade, ao invés de caminhar mais no sentido lúdico presente geralmente na fantasia infantil.

O inconsciente é a fonte de matéria-prima e a base sobre a qual o ego erige o edifício de nossa personalidade. Prosseguindo na comparação, nossas fantasias são os recursos naturais que fornecem e moldam esta matéria-prima, tornando-a útil para as tarefas de construção da personalidade que cabem ao ego. Se somos privados dessa fonte natural, a vida fica limitada; sem fantasias para nos dar esperança, não temos forças para enfrentar as adversidades da vida. A infância é a época em que estas fantasias precisam ser nutridas (BETTELHEIM, 1980, p. 152).

**Categoria “C”:****A fantasia e o poder de alguns super-heróis no enfrentamento contra o COVID-19**

*“Eu ia ser um super-herói, acho que eu iria usar minha super força para andar nele e depois pular em cima dele pra destruir todo ele logo. Me vestiria de Batman e usaria meus superpoderes para bater na cara dele e deixar inchada. Eu me transformaria no Hulk e destruiria o coronavírus com o meu poder, ia dar um pulo para acabar com ele. Poderia ser a Elsa, vou soltar gelo igual a ela e dar uma porrada nele. Também me transformaria no Homem Formiga porque ele é bem pequenininho, assim entraria na pessoa pra procurar o coronavírus e ia bater nele pra pessoa ficar curada, eu ia matar ele. Sou o Superman e vou matar o corona vírus, voar, ficar no céu e aí eu soltaria um raio para matar ele, ia prender o coronavírus e dar choque nele eternamente, até morrer. Pra derrotar ele eu ia usar raio x pra poder ver ele e também poder de fogo para derreter ele. Eu usaria super visão de laser, abriria um buraco até o núcleo da Terra e assopraria os vírus para lá e fecharia o buraco. O meu poder seria também o de choque, então com os olhos lançaria choques até o vírus. Eu ficaria muito pequena, do tamanho do vírus e com o superpoder de olhos de laser eu acabaria com todos os vírus.*

*Eu na verdade queria ser a Mulher-Maravilha, eu vou pegar a minha corda e atirar nele, esse é meu superpoder, eu amarraria o coronavírus na corda e jogaria ele fora, iria matar ele com a corda poderosa. Eu usaria também o lápis da Malalae e ser igual a princesa Rosalina. Se eu tivesse superpoderes, através dos meus pensamentos iria ver o coronavírus e acabar com ele de vez. Acho que eu seria o Sonic para correr bem rápido do corona. Ia virar uma aventureira, um flash, um bombeiro e espirrar um negocinho no vírus para ele virar larva. Teria o poder invisível, para achar o coronavírus sem ele fugir e matar ninguém, eu mataria ele. Ia ser o homem bolha, soltaria várias para matar o coronavírus do mundo todo, eu faria uma bolona com as minhas mãos e jogaria no espaço, assim acabaria com o ele de uma vez só. Eu iria colocar o coronavírus em uma jaula e teletransportar, sugaria ele com a mão e colocaria na cadeia. Eu ia ser um super-herói que ia ir para o espaço e ia jogar um mega poder na terra e ia curar todas as pessoas. Bom, acho que precisaria chamaria todos os super-heróis para matar o vírus. A gente poderia também colocar uma comida bem gostosa que o vírus adora em um quarto e chamaria eles todos para comer e fecharia a porta. Hummmmm... já sei, eu ia ter um raio de vermes nas mãos e ia destruindo todos os vermes maus só deixando os vermes bons, eu iria criar uma poção mágica para dar para as pessoas beberem e deixaria todos imortais e que ninguém pegue nenhuma doença. Ia jogar um talismã no vírus para ele ir embora, assim, eu jogaria minha poção mágica sobre ele e falava: coratupocamim corona vírus suma daqui e pronto, já ia sair de casa, xiiii, saiu errado, peraí, Alacasam ratupocamim, pronto! Isso é claro, se eu fosse heroína porque daí todos iriam me ouvir. Agora a gente ia poder sair de casa. Na verdade eu tô rezando pra Deus, ele tem superpoderes”.*

**Análise:**

Nesse discurso, de maneira mais clara, encontramos o brincar e a fantasia no ser e fazer das crianças participantes da pesquisa. Esse grupo de crianças representadas nesse discurso denota identificação com personagens e super-heróis de histórias e desenhos animados.

As crianças conseguem aqui demonstrar a importância de tais figuras fictícias no manejo das angústias infantis. Tais figuras poderosas emprestam sua força e seus poderes para que de forma mágica os pequeninos possam utilizá-los na elaboração de seus conflitos, surgindo nesse momento um processo de identificação.

Segundo Laplanche e Pontalis (2001), o processo de identificação seria um fenômeno psicológico em que o sujeito assimila um aspecto, um atributo ou uma propriedade do outro. Essa transformação ocorreria de forma parcial ou total, sendo essa a base para a possibilidade de constituição do sujeito.

Segundo Freud (1996), a identificação seria um elemento inconsciente presente no ser humano, ao que enfatiza que tal fenômeno não poderia ser considerado como uma simples imitação. Tal processo é entendido como um recado do inconsciente, uma forma de trazer à tona elementos reprimidos. Por vezes, quando a identificação é impedida de ocorrer por motivos repressores, alguns sintomas e atuações poderiam ser manifestados pelo indivíduo, uma espécie de reação defensiva frente a tais identificações que moralmente e superegoicamente não foram autorizadas a ocorrer. A identificação estaria então ligada a etiologia de cada pessoa, o que poderia justificar aqui os motivos que levaram as crianças da pesquisa a não se identificarem com os mesmos super-heróis e personagens.

Isso nos levaria a desenvolver curiosidades e questionamentos, do porquê algumas crianças, no combate ao coronavírus, se identificam com a super-heroína mulher-maravilha e outras com a personagem Elsa do filme *Frozen*, ou então porque uns assumem o lugar do sombrio e isolado do *Batman* e, outros, do assustador e verde *Hulk*, ou ainda criam e fantasiam novos super-heróis com novos superpoderes, como se os existentes não dessem conta do vírus.

O que poderíamos dizer, baseado no pensamento freudiano é que elementos inconscientes e etiológicos de cada criança estariam presentes em tal identificação, ao que se debruçarmos sobre cada criança pesquisada, certamente encontraríamos elementos presentes que ligariam, de alguma forma, a história do personagem escolhido com a história pessoal de cada criança.

Como ilustração de tal processo de identificação podemos citar um caso de uma criança acolhida institucionalmente que foi por nós acompanhada em supervisão. Tal criança, uma menina de aproximadamente 9 anos de idade, trazia em seu histórico de vida uma situação de abuso sexual intrafamiliar, sendo esse um dos motivos do acolhimento institucional. Essa menina chega à instituição trazendo em suas falas muitas referências acerca do filme infantil intitulado como *A Pequena Sereia*. Tudo girava em torno da personagem, e a princípio a equipe técnica do abrigo não conseguia identificar os motivos de tantas referências e identificações acerca da personagem. Com o passar do tempo, a partir dos relatos dessa menina, fomos percebendo o quanto a história da *Pequena Sereia* e a escolha do personagem como elemento de identificação diziam acerca daquela criança. A criança relatava que gostava muito do personagem e que as vezes gostaria de ser ela, afirmando que: “*Enquanto eu estiver no fundo do mar, eu vou estar protegida*” (sic). Dizia que as escamas da calda do rabo da Sereia a protegiam, fazendo um paralelo gestual como se o rabo de peixe da personagem cobrisse suas partes íntimas, a protegendo. Nesse momento, foi percebido que tal criança buscava na figura fictícia da história infantil uma forma de entrar em contato com o trauma do abuso sexual vivido, e a partir de outros detalhes da história infantil, elaborar sua própria história.

Assim, como o caso acima citado, cada criança participante da pesquisa escolhe um personagem e se identifica com ele por algum motivo, fator esse provavelmente relacionado a história de cada criança. Vale ressaltar que a identificação não necessariamente ocorrerá por uma situação traumática como no caso ilustrado. O que enfatizamos é a ligação que cada criança estabelece, traumática ou não, com cada personagem.

Uma preocupação constante em pais, professores e educadores é se alguns desenhos e personagens infantis, envolvendo lutas, guerras, brigas e mortes, poderiam de alguma forma prejudicar as crianças, tornando-as mais agressivas e violentas. Foi percebido no presente discurso elementos de agressividade, envolvendo lutas, brigas, chutes, porradas e pontapés. De fato, ao entrarem em combate com o coronavírus, as crianças aqui representadas apontam elementos agressivos, duelos e extermínio do vírus através da morte, porém não entendemos tal manifestação como algo patológico e preocupante, pelo contrário, somos acometidos por satisfação ao percebermos tais elementos agressivos enquanto capacidade egóica de enfrentamento.

Em dado momento na construção da fantasia dessas crianças, o isolamento aparece direcionado ao vírus e não ao ser humano. Em alusão a quarentena e ao distanciamento social vivido, podemos supor que a forma de enfrentamento fantasiosa de parte das crianças foi ofertar ao vírus aquilo que elas próprias estão enfrentando, neste caso o isolamento e o sentimento de estarem presas. Em uma espécie de movimento reativo, mas ao mesmo tempo reparatório, a criança em sua fantasia inverte a ordem atual dos fatos, aprisionando o vírus e libertando as pessoas. Assim, poderíamos inicialmente supor que tais crianças usariam assertivamente o elemento de agressividade para resolver seus conflitos:

Na saúde o indivíduo pode guardar a maldade dentro de si, para usá-la contra forças externas que ameaçam o que ele julga valioso. A agressividade, tem nesse caso, um valor social. Esse valor é dado pelo fato de aqui, em contraste com a agressividade maníaca ou delirante, ficar preservada a objetividade, e assim o inimigo que, para ser atacado, não precisa ser amado (WINNICOTT, 2000, p. 295).

Nesse sentido, o mesmo autor aponta a relação dos aspectos agressivos e seu possível caráter terapêutico no enfrentamento do cotidiano e daquilo que pode ameaçar a criança. Assim, percebemos movimentos saudáveis no enfrentamento a aspectos da pandemia do coronavírus expressos nos discursos dessas crianças.

É comum dizer que as crianças dão escoamento ao ódio e a à agressão nas brincadeiras, como se a agressão fosse alguma substância má de que fosse possível uma pessoa livrar-se. Isso é verdade em parte, porque o ressentimento recalcado e os resultados de experiências coléricas podem ser encarados pela criança como uma coisa má dentro dela. Mas é mais importante afirmar essa ideia dizendo que a criança aprecia concluir que o os impulsos coléricos ou agressivos podem exprimir-se num meio conhecido, sem o retorno do ódio, e da violência do meio para a criança. Um bom meio ambiente, sentiria a criança, deveria ser capaz de tolerar os sentimentos agressivos, se esses fossem expressos de uma forma mais ou menos aceitável. Deve-se aceitar a presença da agressividade, na brincadeira da criança, e está sente-se desonesta se o que está presente tiver de ser escondido ou negado. (WINNICOTT, 1982, p. 161 e 162).

Como vimos, a psicanálise da escola inglesa de Winnicott entenderá que os elementos agressivos e destrutivos fazem parte do desenvolvimento saudável do indivíduo. Se pensarmos nas frustrações e castrações, interditos e impeditivos necessários para o nosso desenvolvimento como sujeitos, podemos relacionar também a castração promovida pelo COVID-19 como uma espécie de entrada do terceiro na relação triangular, responsável pelo atravessamento da realidade constituinte.



Uma suposição aqui levantada seria uma aproximação a vivência do complexo de Édipo, em que seriam necessárias identificações, disputas e rupturas, ao que para isso, elementos fantasiosos de morte e aniquilamento necessitariam ser vividos imaginativamente. De forma resumida, assim como é saudável para a criança poder matar simbolicamente o pai na relação edípica, seria saudável poder também matar o coronavírus e aquilo que ele representa enquanto interdito. De forma provocativa e, porque não debochada, temos a tendência a achar que não são somente as crianças as que se aproximariam de tal desejo de morte, destruição e aniquilamento do vírus e da quarentena.

A figura de Deus, baseado na fé, também aparece nesse discurso, dando espaço para a força e o poder do sagrado no enfrentamento da pandemia. Por outro lado, parece que somente a figura de Deus, etérea e abstrata, é quem poderia em tom de milagre, acabar com o vírus.

Em dado momento do discurso, as crianças também reúnem todos os super-heróis, como numa espécie de força tarefa, como se somente a partir da união de poderes o vírus poderia ser combatido e derrotado. O lugar de fala ganha destaque nesse discurso, porém, para tanto, parece que a infância só poderia ser ouvida se possuísse superpoderes: *“Isso é claro, se eu fosse heroína porque daí todos iriam me ouvir” (sic)*.

Como diria Corso e Corso (2006): “Graças a essas mentes onívoras foi possível constatar que ainda há lugar para novas e velhas personagens, cada uma com uma missão a cumprir” (p.304). Dessa forma, somos extremamente gratos a todos os tipos de super-heróis e super-heroínas, sejam elas Mulheres-maravilhas, Batmans, Elsas, entre tantos outros anônimos e fantasiados. Somos gratos por proporcionam as crianças capacidades de identificação e elaboração de conteúdos internos infantis, nesse caso, especificamente, conteúdos vinculados ao combate do COVID-19.

**Categoria “D”:****As características humanas e os recursos da natureza no enfrentamento da pandemia**

*“Boa pergunta... Será que se eu tivesse superpoderes eu jogaria uma bomba na China só porque o vírus começou lá? Será que comeria animais noturnos? Não sei, não consigo saber... Depende do superpoder que eu ia ter... Acho que faria sumir com esses vírus pro esgoto pra nunca mais voltar. Poderia ser também a Deusa da água e iria tirar o esgoto de todos os lugares até acabar o coronavírus. Sei lá, acho que eu congelava ele e depois queimava. Eu iria fazer uma máquina de calor para esquentar e espantar o coronavírus da Terra. Acho que construiria uma máquina, tipo um forno, que fosse a uma alta temperatura e colocaria o coronavírus dentro, aí ele morreria queimado. Eu ia deixar o sol bem quente, mas sem queimar ninguém, só para queimar o coronavírus. Soprar e atirar raio de fogo para acabar com ele, para matar o vírus. Eu também iria estalar os dedos para congelar o vírus, eu ia jogar muito gelo e flocos de neve.*”

*Então eu derrotaria primeiro com congelamento e depois explodiria com fogo, usaria meu poder pra esse vírus ir embora. Eu ia mandar para o céu e retirar um pedaço do sol, porque eles não sobrevivem ao calor, eu sei porque eu vi no jornal. Então faria um sol bem grande e bem quente para esquentar e matar o coronavírus e assim ele iria sumir. Faria uma máquina sugadora de corona vírus, talvez iria pegar uma chave-de-fenda e lutava com o ele, acho que eu ia caçar o coronavírus e prenderia em um caixa com enorme cadeado. Poderia também colocar o vírus em um navio tanque preto e afundar ele assim ohhh... Só isso! Eu posso pegar oxigênio aí eu coloco dentro de uma bola aí nisso eu pego todo o coronavírus e jogo lá no fundo do oceano pacífico, aí eu ia estourar essa bola de oxigênio e aí todo mundo ia ter uma respiração boa. Se eu tivesse poderes iria lutar com ele pra derrotar ele, eu iria derreter ele, dando um chute na cara dele. Precisaria enviar o corona vírus para outro planeta sem vida, eu pegaria o vírus iria amassar ele com as mãos e iria mandar ele pro espaço pra nunca mais ele voltar. Eu ia destruir ele para sempre e ajudar as pessoas doentes e ia fazer as pessoas parar de transmitir a doença, como fazer elas pararem de abraçar as pessoas o tempo todo e que as pessoas contaminadas não fiquem transmitindo a doença para os outros. Olha, eu não sei, mas eu faria todo mundo ficar em casa, porque o coronavírus não iria pegar ninguém. Se eu tivesse super poderes eu levaria todas as pessoas, principalmente a minha família para a lua, eu não levaria o coronavírus pra lua porque o coronavírus está no ar e não poderia levar o ar. Eu usaria meus poderes para que o vírus em vez de fazer coisas ruins fizesse coisas boas e que as pessoas tivessem mais 90 anos de vida, então para além de tirar o coronavírus eu ia livrar o mundo de todo mal. Eu seria a cura, as pessoas tocariam em mim e ficariam bem. Para isso, pra o coronavírus aprender uma lição, que nós somos os fortes, eu iria colocar ordens no tribunal, iria assumir o cargo do Presidente e evacuar todos os países pra irem pro Norte da Antártica e Antártida, porque lá é um lugar isolado e com muito espaço pra manter as distâncias. Na verdade, acho que não sei o que eu iria fazer... Não seja bobo, eu não tenho superpoderes, tenho 5 anos e sou apenas uma garota, não seja bobo”.*

**Análise:**

Nesse discurso podemos reconhecer a presença da infância relacionada a valorização dos elementos da natureza. Fogo, gelo, oxigênio, sol, espaço, oceano, entre tantos outros elementos ganham protagonismo no olhar das crianças, atribuindo a eles poderes em derrotar o COVI-19. Essa importância dos recursos da natureza, parece evidenciar uma espécie de convocação de preservação do meio ambiente, tornando público e convidativo tal dilema ético. Máquinas e ferramentas, outrora construídas pelo ser humano, também aparecem nesse discurso, como uma forma de auxílio no combate a pandemia, ao que fica evidente uma valorização do que já existe no mundo.

Pensamentos mágicos, artimanhas milagrosas, garantias de resolução tomam conta do imaginário infantil. Uma riqueza de detalhes, conteúdos férteis e imaginativos se apresentam a frente do relato das crianças. Embora sabemos que boa parte desses conteúdos seriam concretamente impossíveis de acontecer, como por exemplo: *“Se eu tivesse superpoderes eu levaria todas as pessoas, principalmente a minha família para a lua”* (sic), a beleza da fantasia oferta elementos de esperança e de perspectiva de futuro. Tal imaginação é vista como saudável e fundamental para o enfrentamento do cotidiano:

Histórias não garantem felicidade nem o sucesso na vida, mas ajudam. Elas são como exemplos, metáforas, que ilustram diferentes modos de pensar e de ver a realidade e, quanto mais variadas e extraordinárias forem as situações que elas contam, mais se ampliará a gama de abordagens possíveis para que os problemas que nos afligem. Um grande acervo de narrativas, é como uma boa caixa de ferramentas, na qual sempre temos o instrumento certo para a operação necessária, pois determinados consertos ou instalações só poderão ser realizados se tivermos a broca, o alicate ou a chave de fenda adequados. Além disso, com essas ferramentas podemos também criar, construir e transformar os objetos e os lugares. (CORSO e CORSO, 2006, p.303)

Fica em evidência também nesse discurso momentos de consciência e clareza acerca do universo preventivo envolvendo a pandemia, como necessidade de isolamento, cuidado com o contágio, desejo de maior longevidade e responsabilidade por si e pelo outro. Certa maturidade fica evidente nesse discurso e se por um lado temos uma tendência a nos encantar por tal clareza e bom senso por parte das crianças, por outro lado, mais uma vez, nos questionamos se tais preocupações deveriam se fazer tão presentes no universo infantil.

O que supomos pelo que foi analisado, é que provavelmente as crianças, através da capacidade de reprodução, trazem à tona conteúdos vividos em seus próprios lares e instituições acolhedoras, o que poderia denotar clareza de informações, ética social, exemplos de responsabilidade e cuidado consigo mesma e com o próximo. Vale ressaltar que entendemos que tal reprodução de conteúdos não seria algo mecânico, automático e direto, mas sim uma introjeção de valores a partir das experiências vividas nesse cotidiano. A hipótese que levantamos é que o cuidado subjetivo e social demonstrado pelas crianças nesse discurso, seria marcado não somente pelo momento de pandemia vivido, mas por todo lugar de cuidado já desenvolvido anteriormente pelo ambiente no qual elas estão inseridas.

Por acreditar no poder da fantasia, nos lançamos na tarefa de refletir sobre o que as histórias antigas, que ainda não narradas, e as novas, que surgiram modeladas por valores contemporâneos, tem a dizer às pessoas que recorrem a elas. Supusemos que há uma relação pragmática com a ficção, usamos o que nos é útil. Porém, essa utilidade não depende de mensagens diretas. (CORSO e CORSO, 2006, p.303)

Um dado interessante trazido pelas crianças, foi o fato de enfatizarem a importância do Poder Judiciário e das ações políticas. Parecem denotar que a ordem legal e a justiça precisariam se fazer presentes no cenário atual de pandemia. A ausência do poder público e político, a expressiva fraqueza da figura do atual presidente do Brasil, ficam evidentes também no momento em que parte da solução seria assumir o lugar da presidência e, agora, de maneira eficaz, agir em prol do país.

Nos questionamos se, na prática, uma criança conseguiria ocupar tal posição de destaque, poder e resolução. Algo nos diz, que diante do cenário atual, por mais absurdo que fosse, parece que a sabedoria infantil teria talvez, mais assertividade que parte do poder político vigente. Dessa forma, a magia e a ficção infantil ganham corpo e esperança principalmente a partir do catastrófico cenário político. Em meio a pandemia no cenário brasileiro, com mais de 100 mil mortes por COVID-19 e cerca de 4 milhões de infectados, parece que só a magia oferta conforto perante a realidade:

Por sorte, as crianças são muito mais espertas, elas são adeptas irrestritas da ficção e quanto mais mágica, onírica, radical e absurda, melhor. Pode-se também traçar um paralelo interessante com a poesia, através da qual as palavras se tornam ferramentas polivalentes. Crianças adoram trocadilhos, rimas divertidas, sentidos surpreendentes e humor, e é nisso que a julgamos sábias, pois o domínio da língua flexibiliza o entendimento da realidade e faz nosso pensamento mais versátil e ágil. Enfim, é uma sorte que na mesma época em que estamos em formação arrumando as malas que conterão os fundamentos que vamos levar na viagem pela vida afora, sejamos consumidores vorazes de ficção. (CORSO e CORSO, 2006, p.303 e 304)

Um dado interessante é que para essas crianças parte da solução está no movimento de evacuação do país, encaminhando a população para lugares extremos do mundo, como por exemplo a “*Antártida*” (sic). Tal movimento de evacuação é reconhecido historicamente em situações guerra, a saber a obra de Winnicott (1999a), que tão didaticamente relata o período de evacuação das crianças na cidade de Londres em função do ataque nazista na segunda guerra mundial. Tal situação pode nos ofertar a hipótese de que parte das crianças pesquisadas, podem também estar vivendo, em menores graus, sensações similares as crianças que viviam isoladas e reclusas em casa durante o período de guerra em função do perigo dos bombardeios, ou que sofriam de privações mediante o afastamento brusco de seu cotidiano familiar e social. Winnicott aponta como de privação a seguinte situação:

Houve um verdadeiro desapontamento (não uma simples carência), quer dizer, houve uma perda de algo bom que foi positivo na experiência da criança até uma certa data, e que foi retirado: a retirada estendeu-se por um período maior do que aquele em que a criança pode manter viva a lembrança da experiência (WINNICOTT, 1954, p. 139 e 140).

Ao final do discurso, tais crianças são representadas pela fragilidade e pela necessidade de apoio e cuidado, o lugar de criança é retomado após o super-heroísmo vivido e a complexidade familiar e social toma corpo em um gesto de convocação, ao que dizem: *“Não seja bobo, eu não tenho superpoderes, tenho 5 anos e sou apenas uma garota, não seja bobo”* (sic).

Por fim, a partir da contribuição teórica e dos pequeninos aqui presentes, entendemos que o lugar de fantasia oferta a saudável possibilidade de tomar emprestado do mundo poderes mágicos, soluções mirabolantes e inesperadas, como ferramenta para a resolução de conflitos, porém não devem possuir jamais o poder de arrancar da criança o lugar que lhe é de direito, isto é, o lugar de cuidado, proteção e desenvolvimento.

## CONCLUSÕES

A liberdade nos foi arrancada como sujeitos e as crianças, em especial, são a prova disso, reféns e sem tanta autonomia, em função de características óbvias, para resolverem e tomarem decisões acerca de suas próprias vidas. Como sujeitos em desenvolvimento, dependem a maior parte do tempo do outro para seguirem seus caminhos de desenvolvimento. Foram convocadas, por razões óbvias, ao isolamento e ao distanciamento social como medida protetiva. O foco de preservação gira em torno da saúde física que, com o passar do tempo, vai perdendo seu protagonismo para questões também de saúde mental.

Elucubrações e namoros com um possível desejo de retorno vão assolando a todos nós. Mas como será esse retorno quando for possível? Como diria Winnicott (1999b): *“Realmente, é possível que as pessoas sintam terror da liberdade quando ela lhes é permitida após ter sido proibida”* (p 238). Será que estaremos prontos e autorizados para essa retomada? O que mudou em nós? O que mudou em nossas crianças? Seria ingênuo acreditar que não seremos afetados em nosso ser e fazer após a vivência de pandemia. Não estamos nos referindo somente as questões concretas e cotidianas, mas como iremos encarar o mundo e as relações.

Mediante os resultados alcançados acerca das respostas das crianças, foram nomeadas quatro áreas de superpoder no universo infantil representadas pelas categorias expostas ao longo do texto.

Concluimos que a categoria “A” está bem pautada nos conhecimentos científicos, ao que, mesmo ofertando a oportunidade de desenvolver superpoderes em suas respostas, parte das crianças denotam entender que sem o conhecimento da ciência o combate ao coronavírus seria impossível.

Mesmo sendo os participantes da pesquisa somente crianças, observamos como a realidade atual vivida atravessa o universo da infância e permeia suas fantasias. Parte dessas crianças permanece arraigada a realidade e aos conhecimentos científicos, depositando no campo profissional e concreto da saúde a figura do saber, sendo a ciência a poderosa arma de combate ao COVID-19.

Na categoria “B” a figura dos pais e responsáveis, pessoas essas que estão a frente dos protocolos de higiene, limpeza e cuidado, ganham destaque como os poderosos da história no enfrentamento do coronavírus. Suas armas de combate se apresentam como água, sabão e álcool gel. Assim, com na primeira categoria, os dados de realidade invadem o campo da fantasia e definem a forma de enfrentamento da doença.

Já nas categorias “C” e “D”, diferente das anteriores, as crianças se autorizaram a utilizar mais do universo da fantasia, buscando soluções mágicas e fictícias no enfrentamento da pandemia. Tal fato pode denotar uma apropriação da realidade por parte das crianças como defesa.

Na categoria “C” os participantes denotam a importância dos desenhos infantis e seus personagens de super-heróis no seu universo de desenvolvimento egóico e na capacidade de enfrentamento, desenhos esses, por vezes, condenados erroneamente por seus conteúdos conflitantes e agressivos, envolvendo lutas e combates. Aqui ficou provado seu caráter relevante para o desenvolvimento de recursos egóicos de enfrentamento, manejo de angústias e movimento de reparação.

Na categoria “D” as crianças enfatizam o verdadeiro poder nos elementos e características humanas, bem como nos recursos da natureza. A valorização dos sentimentos humanos, como amor, força e cuidado e dos recursos naturais como, fogo, gelo, oceano, entre outros, são valorizados pelas crianças participantes. O que nos chama a atenção é que mesmo diante de um cenário político que revela insegurança e pouca preocupação com os recursos naturais, mesmo a sociedade vivendo momentos de extrema violência humana e social, envolvendo intolerância, racismo, LGBTfobia, mortes e violação dos direitos fundamentais, o universo da infância parece estar parcialmente protegido, evidenciando esperança ao acreditar que o poder de solucionar os conflitos ainda pertence ao universo humano, desde que se faça bom uso dos recursos naturais.

É relevante apontar que nenhuma criança, sem exceção, apontou diretamente qualquer tipo de esperança no universo político acerca da solução da pandemia, nem mesmo de caráter fantasioso. A única saída foi ocupar o lugar da presidência e resolver por ele. Para as 154 crianças, o cenário político atual parece não possuir relevância, importância, destaque, visibilidade e proteção, podendo gerar de alguma forma, desconfiança, desamparo e abandono.

Foi visto também que o elemento agressividade, salvo manifestações extremas, pode ser extremamente benéfico. Em situações conflitantes como a pandemia, tal aspecto pode ficar mais evidente no universo das crianças, sendo essa característica, entendida e reconhecida também como elementos e recursos internos de enfrentamento, o que possibilita aos pais e responsáveis a condição de não patologizar tais sentimentos de raiva e ódio frente as situações vividas.

Concluimos, também, que a possibilidade de uso do brincar e da fantasia na tentativa de elaboração dos conflitos, condiciona e encaminha a criança para um lugar de saúde, nos ofertando ao mesmo tempo a possibilidade de irmos ao encontro de seu universo interno e acompanhá-la em tal brincadeira. Poder matar simbolicamente o inimigo proporciona a criança a continuidade da vida, assim como a esperança e a manutenção de sobrevivência, tanto subjetiva como social.

Dessa forma, a criança seria assistida em suas angústias pelo ambiente no qual está inserida, sentindo-se segura e confiante, certa de que seus impulsos agressivos externalizados não retornariam para o seu mundo interno de forma destrutiva e avassaladora, pois dessa vez estaria acolhida e acompanhada em suas angústias, medos e incertezas.

A alienação ou a ausência de informação, pode gerar fantasias persecutórias, catastróficas e aniquiladoras. Entendemos que as crianças devem ser participadas da realidade vivida, respeitando obviamente sua condição e maturidade para entendimento do que ocorre ao seu redor. Por vezes, sentimos que ainda vivemos momentos em que tal universo infantil é desvalorizado acerca de sua capacidade de absorção do ambiente. Já ouvimos, inúmeras vezes, que as crianças são como esponjas, aptas e prontas para absorver o que está ao seu redor. Por que na situação atual de pandemia seria diferente?

Devemos considerá-las como seres humanos capazes de perceber e sentir a realidade, contudo o que propormos refletir aqui não é exatamente o que as crianças absorvem, mas como podemos facilitar as relações e elaborações que elas realizam mediante a tais dados de realidade.

Concluimos, por fim, que a realidade de nossas crianças está, nesse momento, marcada por privações relevantes, em especial a liberdade. Cabe a nós, adultos, manter suas esperanças vivas e acesas a partir de dados concretos e, por que não, fantasiosos. Contudo, não devemos mentir para nossas crianças, embora reconheçamos que isso seja quase que inevitável. De qualquer, forma nosso convite ético é para que, mesmo em uma situação de pandemia, nossas crianças possam ser crianças e que consigam criar aquilo que for necessário para sua sobrevivência, seja ela concreta ou subjetiva.

Ninguém é independente do meio, e existem condições ambientais que destroem o sentimento de liberdade, mesmo naqueles que poderiam gozá-lo. Uma ameaça prolongada poderia minar a saúde mental de qualquer pessoa e, como eu tentei enunciar, a essência da crueldade é destruir no indivíduo aquele grau de esperança que faz algum sentido a partir do impulso criativo e do viver e pensar criativos (WINNICOTT, 1999b, p 242).

**REFERÊNCIAS**

- Bauman, Z. (2001) *Comunidade – A busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bettelheim, B. (1980) *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Corso, D. L.; Corso, M. (2006) *Fadas no Divã – Psicanálise nas Histórias Infantis*. Porto Alegre: Artmed.
- Costa, C. A. M.; Viegas, M. N. (2010) Para além da tolerância: Seguindo a Construção de Mundos Comuns. In: Ferreira, A. A. L.; et al. *Teoria Ator – Rede e Psicologia*. Rio de Janeiro: Nau.
- Despret, V. (2001) *Ces émotions qui nous fabriquent: ethnopsychologie de l'authenticité*. Paris: Les Empêcheurs de Penser en Rond/Le Seuil.
- Dias, E O. (2003) *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freire, P. (2014) *Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários a prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freud, S. (1996) *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Laplanche, J.; Pontalis, J.B. (2001) *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Lefèvre, F.; Lefèvre, A. M. C.; Teixeira, J.J.V. (2000) *O Discurso do Sujeito Coletivo: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa*. Caxias do Sul: Educus.
- Lefèvre, F.; Lefèvre, A. M. C. (2003) *O Discurso do Sujeito Coletivo: Um Novo Enfoque em Pesquisa Qualitativa*. Caxias Do Sul: Educus.
- Lefèvre, F.; Lefèvre, A. M. C. (2005) *Depoimentos e Discursos: uma nova proposta de análise em pesquisa social*. Brasília: Liberlivro.
- Lefèvre, F.; Lefèvre, A. M. C. (2010) *Pesquisa de Representação Social: um enfoque qualiquantitativo*. Brasília: Líber Livro.
- Lefèvre, F. (2014). *A Voz dos Meninos – Projeto Educação com Arte: Oficinas Culturais*. São Paulo: Cenpec.
- Mamede, M. C.(2006) *Cartas e Retratos: Uma clínica em direção a ética*. São Paulo: Altamira.
- Martins, M.C.F.; Onça, S.S.; Emílio, E.. R.;Siqueira, M., Maria, M. (2012) Resiliência: uma breve revisão teórica do conceito. In: Rezende, M.M.; Heleno, M.G.V. *Psicologia e promoção de saúde em cenários contemporâneos*. São Paulo: Vetor.
- Medeiros, D. (2014) *Tabagismo e futuros profissionais da saúde: uma análise das representações sociais no Brasil e na Espanha*. Tese de Doutorado. Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Rentes, R. (2017) *Os Meninos de Heliópolis e Região: O Ser e Fazer de Adolescentes em Conflito com a Lei e a Sintomática Criminal*. Dissertação de Mestrado, Universidade UFP, Porto – Portugal.
- Safra, G. (2005) *Curando com histórias*. São Paulo: Sobornost.
- Winnicott, D.W. (1982) *A criança e seu mundo*. Rio de Janeiro: LTC.
- \_\_\_\_\_, D.W. (1990) *Natureza Humana*. Rio de Janeiro – Rio de Janeiro:Imago.
- \_\_\_\_\_, D.W. (1999a) *Privação e Delinquência*. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_, D.W. (1999b) *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_, D.W. (2000) *Da Pediatria à Psicanálise – Obras Escolhidas*. Rio de Janeiro:Imago.

### **COMO CITAR ESTE ARTIGO**

Almeida, C.R; Rentes, R. (2020) As consequências do COVID-19 no universo da fantasia de crianças brasileiras e o impacto no desenvolvimento emocional. *Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia*, vol. especial, 11-54.